

ALUNOS COM PARALISIA CEREBRAL NA ESCOLA, E AGORA?¹

Autor (1); Co-autor (2); Orientador (3)

Maria das Graças Moura Santos¹
Graduanda em Pedagogia
Universidade Federal do Pará-gracamoura76@gmail.com

Dhemersson Warly Santos Costa²
Graduando em Ciências Biológicas
Universidade Federal do Pará-dhemerson-santos@hotmail.com

Carlos Augusto Silva e Silva³
Mestrando em Educação Científica e Matemática
Universidade Federal do Pará /IEMCI- Bolsista CAPES-carloaugusto.s02@gmail.com

RESUMO

Este estudo apresenta as contribuições de uma oficina pedagógica voltada para educação inclusiva, no que se refere à paralisia cerebral, para alunos do curso de Pedagogia da UFPA/ALTAMIRA. Para tanto, foi aplicada uma oficina que consistia basicamente na produção de materiais adaptados para alunos com paralisia cerebral. Após a intervenção foi realizado um debate, devidamente registrado em gravadores. Para análise dos dados foi utilizado o software *Speech To Text Notepad*, que nos permitiu transcrever as falas dos sujeitos. Através dos fragmentos textuais podemos perceber a possibilidade da oficina ao sensibilizar os futuros professores a procurar formas de (re)inventar sua prática pedagógica, bem como revelou que estes não se sentem preparados para atuar com esse público. Assim, ressaltamos neste trabalho a necessidade dos cursos de formação de professores ampliarem em seus currículos disciplinas voltadas a educação especial. Destarte salientar que devemos voltar nos olhos também para formação continuada.

Palavra-Chaves: Formação de professores. Oficina. Educação inclusiva.

INTRODUÇÃO

As inquietações sobre Educação Especial sempre povoaram nossa mente durante a graduação, no que se refere aos aspectos do professorado. Sempre pensamos em como criar espaços de vivências para estes alunos em sala de aula? Sentíamos-nos nervosos apenas em pensar, pois, sobretudo, deveríamos estar preparados não apenas para o que se insere os aspectos educacionais dos estudantes, mas, também, os sociais, afetivos, interacionais, para que sua formação seja pautada na integralidade dos saberes e vivências.

Tais inquietações andaram conosco pelos corredores e salas da universidade durante toda a minha formação. Contudo, destaca-se que tais questionamentos não estão, único e exclusivamente, presente em nossa mente, pelo contrário, é uma realidade que assola grande parte dos professores da

¹ Esta pesquisa configura-se como uma atividade de extensão realizada em um curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará, campus de Altamira.

educação básica, conforme apontam diversas pesquisas (CRUZ et al, 2015; TONINE e COSTAS, 2005; OLIVEIRA e BARROS, 2012), ao enfatizarem que trabalhar com alunos com paralisia cerebral é um problema recorrente no discurso de muitos professores, haja vista que na maioria das vezes fica a cargo desses profissionais toda a responsabilidade de inclusão, sendo que estes, na maioria dos casos, não tiveram a formação para tal (FRIAS; MENEZES, 2013).

Nesse sentido, é importante salientar que em muitos casos os professores encontram-se sozinhos nesta luta. Muitas vezes tais profissionais precisam ir além de suas competências de educadores e ser tornarem médicos, psicólogos, amigos [...], sem ao menos possuírem preparação/formação e apoio para lidar com situações adversas que uma sala de aula pode apresentar.

Esses paradigmas nos remetem a refletir sobre a formação de professores, pois segundo Mazzotta (2005) para que haja uma efetiva educação inclusiva, é preciso de, além de estrutura física e materiais didáticos adequados, um sistema educacional que oportunizem cursos de formação aos futuros educadores para atuarem, de forma eficaz com este público.

Pletsch (2009) advoga que as licenciaturas, incluindo também as pedagogias, ainda aderem ao modelo tradicional de formação de professores, desprezando a formação inclusiva, uma vez que são irrisórias as disciplinas, voltadas a temática durante o curso, indo na contramão do Decreto n.º 3298, de 20 de dezembro de 1999 e da Portaria n.º 1793/94, que recomenda a inclusão nos projetos pedagógicos da disciplina de *Aspectos ético-político-educacionais da normalização e integração da pessoa portadora de necessidades especiais*, em todos os cursos de formação de professores.

Contudo, mesmo com essas orientações, um estudo realizado por Martin (2012) revela que os cursos de formação de professores para os anos iniciais limitam-se a disciplina de Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS) que não contempla toda a diversidade daqueles que apresentam alguma deficiência, em razão desta ter um caráter obrigatório.

Uma possível saída para romper com essas problemáticas formativas seria a inclusão de minicursos e/ou oficinas no decorrer do curso, aberta também aos professores que já atuam na educação básica, no sentido de sensibilizar os estudantes para a importância de refletir sobre a educação especial, nas suas múltiplas nuances e qualificá-los para atuar em sala de aula com alunos portadores de necessidades especiais, inclusive paralisia cerebral.

Com vistas ao exposto, o presente estudo almeja apresentar as contribuições de uma oficina pedagógica voltada para educação inclusiva, no que se refere à paralisia cerebral, para alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Altamira.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, utilizou-se como referencial teórico-epistemológico a abordagem qualitativa. Destaca-se que este método foi usado para entender os fenômenos estudados e interpretá-los, por estarem associados com os significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes do ser humano (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Inicialmente foi aplicada uma oficina pedagógica, voltada à construção de materiais didáticos para alunos com paralisia cerebral, a 17 professores em formação da Universidade Federal do Pará, na sua maioria acadêmicos do curso de pedagogia, e pequena parte do curso de Licenciatura em Ciências biológicas.

A escolha de discutir sobre essa deficiência surgiu da dificuldade de encontrar materiais escolares simples, como borracha, lápis, tesoura ou caderno que fossem adaptados para os indivíduos com paralisia cerebral.

A oficina foi organizada em duas etapas principais, sendo que a primeira foi expor um pouco sobre a importância da inclusão, a contextualização e problematização da temática, bem como apresentar alguns materiais produzidos². Na segunda etapa os participantes tiveram a possibilidade de construir seus próprios materiais didáticos, e ao final realizar um levantamento de reflexões referentes a oficina e a educação especial, um espaço aberto para o diálogo, em que os alunos puderam expressar suas impressões, medos, anseios e suas experiências. Cada encontro contou com 4 horas de duração.

Destarte salientar que todo esse momento de discussão foi registrado por meio de gravadores e posteriormente transcrito por meio do software *Speech To Text Notepad*³, que nos permitiu obter as falas dos sujeitos na íntegra, no entanto, algumas foram modificadas para melhor compreensão. Foi solicitada a autorização dos participantes desta pesquisa para utilização das informações coletadas no momento formativo.

As transcrições foram salvas no software Excel e para cada sujeito foi atribuído um código (Sujeito I, II, III, IV), visando resguardar as integridades físicas e morais dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

² Esses materiais foram construídos previamente pelos proponentes da oficina e constou com a exposição de lápis, borracha, apontador, canetinhas coloridas, aventais, jogos, todos adaptados para alunos com paralisia cerebral.

³ *Speech To Text Notepad* é um aplicativo capaz de converter voz em texto. Através dessa ferramenta o pesquisador pode capturar a voz e logo transforma o trecho em um texto.

Inicialmente através dos fragmentos textuais, corroborou-se que oficina foi extremamente importante, uma vez que sensibilizou os futuros professores a procurar novas formas de (re)inventar sua prática pedagógica, buscando adequar-se, não somente as suas, mas as necessidades dos alunos, como podemos ver, em alguns fragmentos abaixo:

Bem Pessoal, eu achei a oficina extremamente gratificante, uma vez que veio para somar em minha formação. Agora sei que posso adaptar materiais para alunos com paralisia cerebral e de certa forma incluir esses cidadãos na sociedade. (Sujeito I)

A oficina me fez perceber a importância da criatividade, pois, com materiais simples do cotidiano podemos construir ferramentas para auxiliar no desenvolvimento dos nossos futuros alunos com deficiências (...) Achei tudo muito lindo, deveria ser disponibilizado de maneira mais ampla as informações aprendidas aqui. (Sujeito II)

Contudo, as discussões que perpassaram por toda a oficina trouxeram consigo inúmeros questionamentos. Será que os cursos de formação de professores, em destaque pedagogia estão formando educadores capazes de atender as necessidades dos alunos com paralisia cerebral? Que saberes estão sendo produzidos por estes professores? Quais estratégias estão sendo usadas para incluir estes indivíduos no processo de ensino e aprendizagem?

Questões como essas são reais e latentes no universo que se insere a educação inclusiva de pessoas com paralisia cerebral. Tonine e Costas (2005) revelam que os professores não se sentem verdadeiramente preparados para receber alunos portadores de necessidades especiais, inclusive a paralisia cerebral. Tal asserção é afirmada no discurso do sujeito IV:

Os saberes que adquirimos nesses, já 3 anos de graduação, de pouco serve. Sinto-me frustrada em não poder repassar um pouco do meu conhecimento (Português, matemática, ciências, história). Muitas vezes ficamos de mãos amarradas, pois os alunos não conseguem escrever, cortar, pintar...enfim, desenvolver-se. Quando penso que estou próxima de me formar, bate uma certa insegurança, pois ainda não me sinto preparada para trabalhar com este público. (Sujeito IV)

Tais dados deflagram o cenário alarmante que se insere a educação inclusiva no país, uma vez que tem sido cada vez mais constante a presença de alunos com necessidades especiais no ambiente escolar, uma realidade constante no decorrer dos últimos anos, principalmente para alunos com paralisia cerebral (OLIVEIRA e BARROS, 2012). Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2015) revelam que no ano de 2014 houve um aumento no

número de matrículas de alunos com deficiências em classes regulares, cerca de 90% em comparação com o ano de 1998.

A formação inicial de professores tem se constituído como elemento central neste processo de “inclusão precarizada” (MARTIN, 2012). Em virtude disto, Glat e Pletsch (2004), destacam que os cursos de licenciatura em pedagogia não estão obtendo êxitos na formação de profissionais dotados de habilidades para trabalhar com a heterogeneidade resultante da inclusão.

Estudos (CARNEIRO, 1999; MAGALHÃES, 1999; PLETSCHE; FONTES, 2006; BUENO, 1999^a) têm demonstrado a necessidade de re/avaliações dos cursos de formação de professores no que tange a inclusão dos alunos com necessidades especiais em rede regular de ensino.

Contudo, coadunado com as ideias de Pletsch (2009) ao apontar que de fato a formação inicial de professores têm influenciado nesta realidade, entretanto não devemos esquecer dos professores que já estão formados há vários anos.

Assim, é importante frisar que o caminho para uma educação inclusiva de qualidade não é uma estrada reta e plana, pelo contrário, é um caminho tortuoso, cheio de altos e baixos, reverberando cada vez mais a necessidade de reformulação dos projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura e pedagogia, bem como a criação de políticas públicas educacionais que promovam incentivos a formação continuada.

CONCLUSÃO

O processo educacional inclusivo de alunos com paralisia cerebral não é fácil, porém é possível. Através do discurso dos graduandos em uma oficina sobre elaboração de materiais didáticos para alunos com paralisia cerebral, percebeu-se que os graduandos anseiam por uma ampliação de mais disciplinas voltada à educação inclusiva no currículo de seus cursos, eis que estes se sentem despreparados para atuar com este público. É importante salientar ainda que a formação de professores não se esgota na sua fase inicial, ao passo que devemos voltar nos olhos também para formação continuada, e assim, de fato caminhar para uma educação inclusiva de qualidade, por meio da alteridade.

REFERÊNCIAS

BUENO, J. G. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 3, n. 5, p. 7-25, 1999a.

CARNEIRO, R. C. A. *Formação de professores na perspectiva da educação inclusiva*. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós Graduação em Educação) - Universidade do Estado do RJ, Rio de Janeiro, 1999.

CRUZ, V. P.; ARAÚJO, L. D.; SABINO, K.; IEDA, M. INCLUSÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DE ESCOLAS DA REGIÃO NORTE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Plures Humanidades**, v. 15, n. 2, 2015.

Decreto n. 3.298 de 20 de dezembro de 1999. Presidência da República. Brasília: PR, 1999.

FRIAS, E. M. A.; MENEZES, M. C. B. **Inclusão Escolar do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais: Contribuições ao professor do ensino regular**. 2013.

GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. O papel da universidade frente às políticas públicas para educação inclusiva. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, p. 3-8, 2004.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, E. F. C. B. *Viver a igualdade na diferença: a formação de educadores visando a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular*. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 1999.

MARTIN, M. **SEMINÁRIO EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIREITO À DIVERSIDADE UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE MARINGÁ-PR**. UEP: Maringá, 2012. (Dissertação)

MAZZOTTA, M. J. S. *Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas*, 5ª Ed. São Paulo: Cortez. 2005.

OLIVEIRA, S. S.; BARROS, K. R. S. Desafios e dificuldades na formação do professor diante de alunos com deficiência inseridos em salas regulares. **Semana da Educação da Universidade Estadual de Londrina, Anais da Semana da Educação da Universidade Estadual de Londrina**, p. 944-964, 2012.

PLETSCHE, M. D.; FONTES, R. de S. La inclusión escolar de alumnos con necesidades especiales: directrices, prácticas y resultados de la experiencia brasileña. *Revista Educar*, Jalisco, México, n. 37, p. 87-97, 2006.

PLETSCHE, M. D. **Repensando a inclusão escolar de pessoas com deficiência mental: diretrizes políticas, currículo e práticas pedagógicas**. UERJ: Rio de Janeiro, 2009. (Tese de doutorado).

Portaria Ministerial n. 1.793/94. Dispõe sobre a necessidade de complementar os currículos de formação de docentes e outros profissionais que interagem com portadores de necessidades especiais e dá outras providências. Brasília, 1994

TONINI, A.; COSTAS, F. A. T. Escola inclusiva: o desvelar de um espaço multifacetado. **Revista Educação Especial**, n. 26, p. 61-74, 2005.